

ENTRAS E SAIS SILENCIOSAMENTE

FILIPA CRUZ

Entras e Sais Silenciosamente é uma instalação de três elementos: 2 livros de artista e uma escultura imagética assumidos enquanto *paisagens de recordações construídas*. São construções poetizadas fruto de uma reflexão autobiográfica. Restam-nos, apenas, estes *firos* e fragmentos de *realidade* onde muitos diálogos e anseios "(...) que hesitavam em tocar-se mas cujos contornos coincidiam exactamente" (Giordano, *A Solidão dos Números Primos*, pg 238) se esconderam na distância e em silêncios.

A *instalação baseia-se em olharmos* para algo que nos é de tal modo íntimo e nosso que os outros não têm o total acesso. É por isso que nasce o *figo* em todas as estruturas (livros e escultura imagética). Um *figo impossível*, contaminado pela *sua/tua* ausência, pelo seu/teu vazio, pela sua/tua distância. Por isso é a *história do figo sem figo* e tu, diante da mesma, "*entras e sais silenciosamente*".

Fia-me um fio. Fia-me a ti. Fia-me apenas.

Ecoa-me um fio.

Ecoa-me a ti.

Ecoa-me apenas

*Fios que são tambores e que ecoam e tremem como o fulgor
da pólvora*

O interesse de Boltanski não reside na História neste sentido abrangente e expansivo, recai, sim, nas *histórias* que vivemos ao longo da nossa existência e nesta coexistência de uma memória colectiva e de "pequenas memórias". *Os grandes feitos adquirem validade e ficam para sempre indexados à História, mas e os nossos feitos? E as nossas conquistas?*

Numa realidade extremamente populada, com toda esta riqueza identitária, perde-se essa "memória afectiva" que nos torna tão singulares, tão "eu". Que, desaparecendo após a morte, nos projecta para uma condição de invisibilidade, de "esquecimento", de anonimato, de "homogeneidade".

É por isso que crio laços, fios invisíveis. Fios que são tambores e que não importando o onde, o quando e o como ecoam e tremem como o fulgor da pólvora.

É isso que pretendo guardar, esse fio que me une

Que te agarra sem agarrar, porque não queres que te
agarrem. Que te toca singelamente e que se crava em ti
tímida e incisivamente.

És pólvora que não se dissipa no ar.

És pólvora que não se dissipa no ar.

És pólvora que não se dissipa no ar.

És pólvora que ecoa na construção por nós architectada. E
as cordas que a prendem são lindas teias de vai e vem. Mas
que tremem. Tremem sempre e continuam a tremer com o
sopro.

Fias-me, fio-te, dou-te a lua lá de cima

e dás-me o chão.

*Flor esbelta que a figueira tocou, (num) intocável pavio a meus olhos se gerou,
Enche-me a boca com tanto vazio, chora-me sonhos que ninguém lembrou
Ó infame alado que minh'alma sulcou,
Esqueces de tanto lembrar
perenes ramos do nosso fiar.
Crivado num sopro velado,
por que rompes linhas de tão inaudível travo?
Ó Babel alumiada
eleva-me por céus de terra
e por chãos de traços e guerra.
Remendada na exaustão
Lambe-me os passos, lava-os à mão
Figo escarpado de logro frisado
Alumia debulhas e cravo queimado
(...)
(E) fiado o figo na constância, azeda-me, uma vez mais, na tua rouca instância.*

A ausência do toque amargura, corrói, estagna e movimenta. É por isso que nos elevamos por entre "traços e guerra", por entre todas as teias que nos prendem ao chão e a "uma" realidade.

Num primeiro momento começo por focar a atenção em versos de poemas. Ambos aludem para esta noção de "distância".

"Voa a ave no azul e passa longe o amor" (Guerra Junqueiro)

"Eleva-me por céus de terra e por chãos de traços e guerra."
(Filipa Cruz)

É no sentido oposto que a ave voa no azul e onde passa, cresce e se estabelece o amor. Sendo assim, os conceitos-base que os estruturam associam-se a:

FIAR | COSER

LINHA | TRAÇO

A partir daí é em superfícies aguareladas que a linha, o papel e a tinta se fundem.

Aproximando-nos da questão de "Aura", tão proclamada por Walter Benjamin em "A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica", a imagem é registada fotograficamente. Após esse momento, exalta-se a noção de distância. Por isso mesmo, esta resposta foi transposta para o plano digital onde elementos que eram, anteriormente, externos à composição (construções rígido-emocionais - elementos em vermelho) passam a interagir com o restante até surgir uma terceira construção, agora tridimensional.

São mares de traços e guerra com linhas da tua cor a meus olhos.

O vermelho, o verde, os azuis e os negros fazem pontes com os restantes dispositivos.

São mares e linhas topográficas que tomam conta das páginas. "Por mares nunca dantes navegados" (Camões) ou por mares que preferiste deixar de navegar. São mapeamentos visuais, mas, essencialmente, mapeamentos sensitivos que se ligam à memória.

